



GESTÃO ESCOLAR E MÍDIAS NA ESCOLA: TRANSFORMAR PARA ENSINAR

Eliney Sabino¹

RESUMO

Este trabalho tem como temática a escola e as mídias: Parceria necessária. É um trabalho decorrente do pensar e fazer da prática pedagógica uma aliada na construção de novos conhecimentos. O presente estudo se caracteriza como pesquisa qualitativa por meio da revisão bibliográfica. De modo geral, a introdução da tecnologia na educação faz a diferença no processo de aprendizagem. Abre novas possibilidades de conhecimento e motivação e estimula a capacidade de desenvolver estratégias e buscar soluções, estimulando a comunicação e a criatividade. Desse modo, procurou-se analisar como acontece essa contribuição das mídias no processo de ensino-aprendizagem e na construção de conhecimento no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Mídias; Educação; Escola; Aprendizagem.

ABSTRACT

Subject of this study is to the school and the media: Partnership required. Is a work resulting from the thinking and make a pedagogical practice in the construction of new knowledge. The present study is characterized as qualitative research through literature review. The introduction of information technology in education makes a difference in the learning process. The importance of information technology in education opens up new possibilities of knowledge and motivation. The use of computer in education stimulates the ability to develop strategies to seek solutions, is stimulating communication and creativity. In this way, we tried to analyze the contribution of the media in the teaching-learning process in the construction of knowledge in everyday life.

Key words: Media; Education; School; Learning.

¹ Mestre em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento pela Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC). Professor e Coordenador do Curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas na FVR- Faculdades Integradas do Vale do Ribeira.

1 INTRODUÇÃO

Uma das grandes transformações ocorridas nestes dois últimos séculos refere-se ao fenômeno midiático. Sua crescente utilização vem sendo difundida entre os mais variados meios informatizados tais como livros, revistas, jogos, etc. e transformados em conhecimentos e habilidades que vão desde recursos áudio- visuais (TV e vídeo) até os mais recentes como o computador e a internet. É possível observar o quanto as mídias estão presentes em nosso cotidiano e como elas podem fazer diferença no modo de ver a realidade do mundo.

Os veículos de comunicação tais como a TV, rádio, jornais, internet e etc. são capazes de atingir praticamente todos os segmentos sociais, tendo em vista os amplos e flexíveis meios de linguagem utilizados na propagação de ideias, valores e conhecimentos. A rapidez e a simultaneidade da difusão de informações têm transformado as formas de aprendizado formal e informal; a maior circularidade da informação exige, pois uma nova forma de pensar sobre os processos de formação do homem moderno. Nesse sentido, as instituições educacionais passaram a ser um importante espaço de acesso a essas novas tecnologias e, assim, ampliam de forma interativa e mais prazerosa o conhecimento dos educandos. Para Pablo Pons (*apud* TAJRA, 2000, p. 42) o uso das novas tecnologias se definem como:

É uma maneira sistemática de elaborar, levar a cabo e avaliar todo o processo de aprendizagem em termos de objetivos específicos, baseados na investigação da aprendizagem e da comunicação humana, empregando uma combinação de recursos humanos e materiais para conseguir uma aprendizagem mais efetiva.

A escola precisa estar inserida nesse contexto tecnológico e cotidiano da sociedade, apresentar às crianças situações mais reais, tornar as atividades mais significativas e menos abstratas. Dessa forma, a escola que tem a tecnologia da informação como aliada, favorece para que se tenha uma nova forma de expressão aos nossos alunos que precisam e têm sido direcionados para construção de novos saberes,



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 3- JUL.2017

reformulação de conceitos, análise crítica e muita criatividade favorecendo-os no que diz respeito ao desenvolvimento intelectual do aluno.

Diante disso, é preciso considerar a importância da formação profissional do educador, valorizar a formação teórica e a construção de uma postura crítica desse profissional, que leve à reflexão de sua prática. Essa reflexão deve ser baseada no diálogo crítico entre as pessoas, ao impor mudanças nessa prática e incluir uma ponderação permanente sobre a sociedade na qual a escola e seu ensino está inserida e o tipo de formação que se propõe para os estudantes.

Este trabalho tem como temática a escola e as mídias: Parceria necessária. É um trabalho decorrente do pensar e fazer da prática pedagógica uma aliada na construção de novos conhecimentos. Desse modo, procurou-se analisar a contribuição das mídias no processo de ensino-aprendizagem na construção de conhecimento no cotidiano escolar.

O interesse pelo tema deu-se por meio das dificuldades comumente relatadas pelos professores, ao tentarem trabalhar com as mídias nas escolas públicas, estas que variam desde o não funcionamento dessas tecnologias até sua inexistência nas escolas.

Vive-se um tempo em que muitos anunciam a crise da escola, enquanto outros depositam nela a salvação para todos os males da atualidade. Tem-se a tarefa de repensar coletivamente a função da escola e neste cenário a mídia, que surge como recurso tecnológico educativo, ocupa importante função de fomentar esta discussão. No entanto, será que as escolas ainda podem continuar sem essa ferramenta tão importante ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos?

Ao adotar as novas tecnologias de informação e comunicação como suporte pedagógico, os educadores provocam mais o interesse dos alunos pelo conteúdo abordado em sala de aula e possibilita que eles possam se sentir em sintonia com o contexto da modernidade. Além disso, os professores podem ter seus trabalhos desenvolvidos em sala aula, ou mesmo em aula de campo, reconhecidos por outras pessoas, através de publicações em mídias e de alcance em massa.



No contexto atual, a mídia representa uma das instâncias mais importantes da sociedade. Ela é responsável por favorecer mudanças no comportamento das pessoas, nas relações humanas e na construção do conhecimento. No tocante a educação, a mídia quando bem planejada fornece o conhecimento necessário ao indivíduo para que ele possa conviver em sociedade com mais participação nas decisões.

O presente estudo se caracteriza como pesquisa qualitativa por meio da revisão bibliográfica. Seu universo abrange como foco o benefício que as novas tecnologias podem trazer ao processo de ensino e aprendizagem. Para isso, a pesquisa partiu da seleção de fontes teóricas, de acordo com os objetivos do estudo e da análise e reflexão de autores como Pierre Levy, Pretto, Lígia Silva Leite e demais estudiosos importantes nesta área que discutem sobre o tema, utilizando-se de livros nacionais, bem como artigos científicos, revistas e dados disponíveis na internet, buscando favorecer a familiarização e reflexão sobre a parceria da escola e mídias.

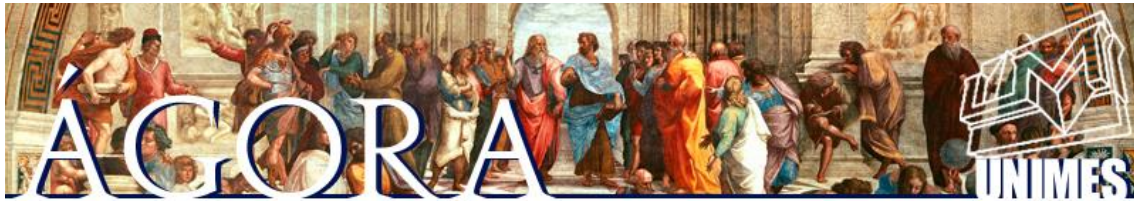
2 MÍDIA E EDUCAÇÃO

É de grande importância iniciar este item destacando que a mídia como tecnologia seria o uso de conhecimentos para a obtenção de resultados práticos.

2.1 AS FASES DA TECNOLOGIA

Na primeira fase, a tecnologia era entendida como sendo instrumento, que serve apenas como algo útil, a serviço do homem. Atualmente, vive-se outro momento, em que a relação homem / máquinas está cada vez mais estreita e modificada. Dessa forma, essa relação:

[...] poderia ser sintetizada por uma única palavra: imbricamento. Poderíamos, nessa perspectiva, entendê-la como sendo centrada no fazer da razão (a techné do logos). Máquinas e seres humanos aproximam-se cada vez mais e, principalmente, passa-se a compreender que as máquinas surgem a partir do mesmo processo social que constitui o humano. Não existe, portanto, a tradicional separação entre técnica, cultura e sociedade, que vigorava até pouco tempo. (PRETTO, 2001, p. 162).



Essas transformações nas relações entre homem e máquinas levam também a mudanças nas linguagens, nas formas de relacionamentos com as pessoas, que trazem outras mudanças, culturais e sociais.

A linguagem é dividida em duas fases, para Levy (2006). A primeira, denominada de fase oral. Nessa fase, as histórias eram contadas e passadas de geração em geração. Aquelas histórias esquecidas, que não eram mais contadas ao longo dos tempos corriam o risco de desaparecerem, uma vez que ficavam apenas nas memórias das pessoas.

A segunda fase da linguagem é a da escrita. Nesse sentido, a escrita vai, portanto, marcar uma primeira e grande cisão do homem não só com a sua memória, mas também com os modos anteriores de gerar conhecimento.

A memória natural vai sendo substituída pela memória artificial. Quanto mais o mundo avança e torna-se complexo e sofisticado, mais o homem necessita de novas tecnologias para dar conta do enorme turbilhão de informações que circulam velozmente. Hoje vive-se o terceiro tempo, tempo da informática, da telemática, ou seja, tempo da mais absoluta digitalização e condensação da experiência humana em chips, imagens, impulsos eletrônicos, etc. (SOUZA, 2002, p. 108).

A escrita modifica a forma de conhecer do homem. Ao escrever o que se diz, separa-se o sujeito do sentido que ele dá a sua história, algo conseguido no diálogo. Na linguagem falada (oral), o diálogo leva à compreensão do que se quis dizer, pois na interação do diálogo, pode-se questionar o que se quis dizer sobre um determinado assunto.

O surgimento da escrita leva ao desenvolvimento da inteligência, devido ao uso dessa nova linguagem. A partir da escrita outras tecnologias surgiram, como, por exemplo, a prensa mecânica.

Mas, ainda assim, pode-se sustentar que a invenção de Gutenberg permitiu que um novo estilo cognitivo se instaurasse. A inspeção silenciosa de mapas, de esquemas, de gráficos, de tabelas, de dicionários encontra-se a partir de então no centro da atividade científica. Passou-se da discussão verbal, tão característica dos hábitos



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 3- JUL.2017

intelectuais da Idade Média, à demonstração visual, mais que nunca em uso nos dias atuais em artigos científicos e na prática cotidiana dos laboratórios, graças a estes novos instrumentos de visualização, os computadores. (LEVY, 2006).

1.2 TRANSFORMAÇÕES NA EDUCAÇÃO: A MÍDIA COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM E DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO

A rapidez das transformações no campo das ciências, as novas possibilidades de acesso às informações e as reorganizações e reestruturações permanentes em todas as áreas de conhecimento – a partir do acesso e do uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC's) – repercutem amplamente na sociedade. Vive-se um momento de transição social que se reflete em mudanças significativas na educação, pois é necessário que todas as instâncias educacionais acompanhem às mudanças que permeiam a sociedade.

O compartilhamento de informações e as múltiplas possibilidades de comunicação e interação imediatas permitem que as instituições educacionais possam produzir e utilizar cooperativamente conhecimentos nas diversas áreas do saber.

Um novo tempo, um novo espaço e outras maneiras de pensar e fazer educação são exigidas pela sociedade contemporânea e, uma das grandes transformações que vem fazendo parte nesse novo cenário mundial é o fenômeno midiático.

De acordo com o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (BRASIL, 2007), a mídia compreende um conjunto de instituições, organizações e negócios voltados para a produção e difusão de informações para públicos diversos. Abrange veículos impressos (revistas, boletins, jornais, cartazes, folhetos etc.), audiovisuais (outdoors, televisão em canais abertos e em diversas modalidades pagas, filmes, vídeo, rádio etc.), mídia computadorizada online e mídia interativa via computador, dentre outros. Esse conjunto de meios tem a função de transmitir informação, opinião, entretenimento, publicidade e propaganda. Nesse sentido, é um espaço de força, poder e



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 3- JUL.2017

sociabilidade capaz de atuar na formação da opinião pública em relação a valores, crenças e atitudes.

Na sociedade do conhecimento e da comunicação de massas em que se vive, a mídia tornou-se instrumento indispensável do processo educativo. Leite (2004, p. 18) afirma que: “A presença inegável da tecnologia em nossa sociedade constitui a primeira base para que haja necessidade de sua presença na escola”. A integração das linguagens das mídias às práticas pedagógicas nas instituições educacionais pode potencializar e democratizar, em grandes proporções, a constituição de conhecimentos e valores. Além disso, pode contribuir para que crianças, adolescentes e jovens, desde cedo, aprendam a trabalhar em colaboração, aperfeiçoando-se nas práticas de pesquisa para aprofundar e ampliar os conhecimentos e valores indispensáveis à vida cidadã. Leite (2004, p. 24) ainda afirma que:

Propomos a utilização das tecnologias na escola por serem fruto da produção humana, parte da sociedade e, como tal – como todas as tecnologias criadas pelo homem, como a escrita, por exemplo –, devem ter seu acesso democratizado, sendo desmistificadas.

As novas gerações estão muito mais ágeis para tudo que vão fazer. Falam mais rapidamente, leem notícias mais curtas, não se prendem a tarefas muito demoradas, têm pressa para que a página da Internet abra instantaneamente.

Estudos mostraram que as mídias, quando inseridas na escola como apoio para a aprendizagem, tem beneficiado a vida de muitas pessoas e por isso, as tecnologias da comunicação não poderiam ser desconsideradas no sistema educacional. Propostas educacionais baseadas no uso de várias mídias e recursos tecnológicos são fundamentais para ajudar o aluno a compreender a realidade, examinar os fenômenos que o rodeiam de uma maneira questionadora, contribuindo, não só diante das experiências cotidianas, mas também diante de outros problemas e realidades (HERNÁNDEZ, 2000).

Diante das inúmeras possibilidades pedagógicas que as diversas mídias oferecem, da complexidade da realidade que o aluno vive nos dias atuais, das mudanças



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 3- JUL.2017

de representações, valores sociais e saberes disciplinares, a educação precisa ser repensada, multiplicando os recursos que utiliza.

É preciso visualizar esta situação social que se vive. A educação necessita estar atenta às suas propostas e não se marginalizar tornando-se obsoleta e sem flexibilidade. Algumas dessas mudanças podem ser realizadas pelo professor que, tendo uma visão de futuro e possuindo mente aberta para refletir criticamente sobre sua prática no processo de ensino – aprendizagem, torna-se um agente ativo no sistema educacional (TAJRA, 2001, p. 22).

No entanto, o processo de ensino-aprendizagem comprometido com a formação global do indivíduo deve analisar criticamente o repertório de informações disponíveis nas mídias. A educação para a mídia deve funcionar levantando questionamentos, analisando as narrativas, conectando ideias, levando o aluno a fazer relações e elaborações pessoais sobre a sua visão da realidade, compartilhando-as no espaço da sala de aula. Assim, o docente poderá entender a maneira como o educando elabora, recebe e processa as informações de caráter audiovisual veiculadas pelas mídias.

A educação no Brasil ainda é vista como escola tradicional, pois ainda preserva métodos de aprendizagem considerados ultrapassados frente ao surgimento das tecnologias de informação. Mesmo com todo o avanço tecnológico atual, boa parte da população ainda tem acesso restrito a tanta informação disponível. Em tempos de novas e modernas tecnologias, existem muitos excluídos da “era digital”, agora denominados “analfabetos digitais”. Essa expressão ampliada por Santos (1999), que adiciona o componente científico, exemplifica a situação de uma parcela grande da população brasileira:

(...) são sintomas de “analfabetismo” científico-tecnológico, mais do que um “déficit” de conhecimentos tecnocientíficos, não saber como utilizar os seus conhecimentos para negociar, argumentar e atuar em situações concretas, ter excesso de confiança na tecnociência e excesso de desconfiança no seu próprio potencial de compreensão das ciências e das técnicas (SANTOS, 1999, p. 204).

Com as mudanças geradas pela tecnologia no cotidiano, a escola também precisa ampliar o conceito de alfabetização e letramento, e adicionar a estes dois, conceitos de tecnologia para evitar controvérsias:



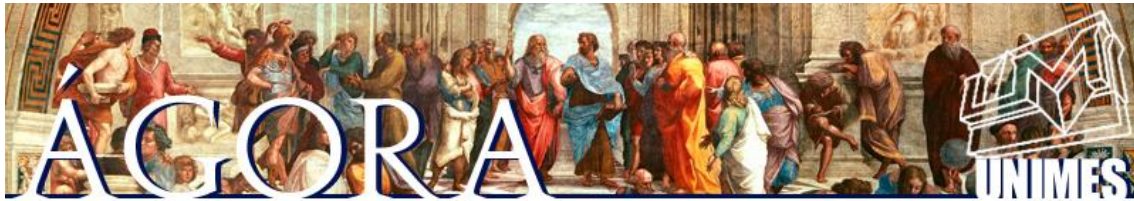
A distinção entre os termos alfabetização e letramento, como processos de aquisição de habilidades para a leitura e a escrita (alfabetização), podendo focalizar tanto aspectos individuais quanto sociais (letramento), é ponto de discussão e pode gerar controvérsias quando se insere, neste processo, a mediação pela tecnologia. (LOPES, 2005, p. 130).

Romero (2005, p. 145) também compartilha desse pensamento ao afirmar que nessa nova ordem, a escola precisa levar em consideração além do aprendizado da leitura e da escrita, a “leitura e produção de outras linguagens para poder interpretar a realidade criticamente”.

Ao se investigar dados concretos sobre a inclusão de novas linguagens nas escolas brasileiras obteve-se informações sobre a disponibilidade de meios informatizados em escolas públicas e particulares. Estudos divulgados pelo INEP (Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, do MEC) sobre a infraestrutura das escolas brasileiras, de acordo com dados do Censo Escolar da Educação Básica de 2005, apontam que: dos 91,59% das mais de 23 mil escolas de Ensino Médio, 59% possuem computadores com acesso à Internet. Quase todas as 161 escolas federais do Brasil (de educação básica) possuem computador e 156 delas estão conectadas à Internet. Nas escolas particulares o número também é grande: 6.076 das 6.991 escolas possuem o acesso, o que representa 86,9% delas. No entanto, isso não quer dizer, necessariamente, que o aluno está fazendo uso dessa ferramenta na escola (BRASIL, 2005).

Mas ter acesso à Internet não é sinônimo de mais e melhor educação ou apreensão de conhecimentos, nem mesmo de saber utilizar a tecnologia para melhorar o ensino. Tanta informação gera fragmentação de saberes. E diante dessa fragmentação causada pela quantidade e velocidade da informação adquirida é para a educação que se voltam as esperanças de melhorar a aprendizagem diante, agora, da era tecnológica.

Lopes (2005) não utiliza o termo alfabetização tecnológica, mas o termo “formação tecnológica, por entender que esse termo denota desenvolvimento, capacitação, construção, participação e mudança, contínuas ao longo da vida” (p. 133). Ela fez essa escolha para evitar confusões entre os significados de alfabetização e



letramento. Dessa maneira, “formação tecnológica” pode ser interpretada como “um processo contínuo que acontece diariamente e está baseado nas experiências (próprias ou vicárias) e relações que acontecem na prática do dia-a-dia” (p. 133).

Nesse caminho da “formação tecnológica” todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem são chamados à participação, à responsabilidade de caminharem juntos, como descrito nos “4 pilares da educação” por Delors *et al* (2002), ao afirmar que a educação:

[...] deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta (DELORS *et al.*, 2002, p. 89).

Pensando dessa forma, em tempos de globalização, a aprendizagem se faz presente desde o início ao fim da vida. É um conhecimento contínuo, do mundo ao qual se vive, combinando essas quatro formas de aprendizagem descritas. É essa continuidade da aprendizagem que é designada ‘educação ao longo de toda a vida’, segundo Delors *et al* (2000).

Ao se comparar a escola e as TIC’s, a escola está competindo com meios mais atraentes, como a TV, ou o MP4, por exemplo. No mundo atual, os jovens, como diz Porto (2006), apreciam outras sensações (audiovisuais, afetivas, motoras), o que é diferente da proposta da maioria das escolas. A autora ainda afirma que:

São outras maneiras de compreender, de perceber, de sentir e de aprender, em que a afetividade, as relações, a imaginação e os valores não podem deixar de ser considerados. São alternativas de aprendizagens que auxiliam a interagir, a escolher e a participar nas estruturas sociais e educativas (PORTO, 2006, p. 45).

Dessa forma, o meio mais eficaz para o sistema educacional brasileiro acompanhar tanta modernidade propagada pelas novas tecnologias é a introdução destas nas atividades educacionais. Algumas escolas em diversas regiões brasileiras já contam



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 3- JUL.2017

com o aparato tecnológico, porém a maioria ainda não possui esse privilégio o que demonstra que a inserção da mídia no contexto educacional ainda é um processo lento. Segundo Citelli (2004), são grandes os desafios a serem enfrentados por quem trabalha na interface da comunicação com a educação, que busca não apenas aprender, mas ajudar a transformar a escola que tem a sociedade em que vive.

Sabe-se que o acesso a tecnologias como a Internet e aos computadores cada vez mais modernos não é para todos, o que gera uma exclusão das pessoas mais pobres que não têm condições de adquiri-las com a rapidez que surgem. Mas, a exclusão de parte da população com relação a um bem de consumo existe, assim como foi com a escrita. Porém, dizer que esses são apenas mecanismos de controle econômico é negar a utilização dessas tecnologias para o benefício da educação.

Chassot (2003) também analisa a presença diária dos efeitos da globalização e aponta o quanto ela pode aproximar ricos e pobres: passa despercebido que a experiência que se tem de globalização é sempre local. Por exemplo, mesmo que se tenham dezenas de canais de televisão à disposição, é em casa que se assiste a essa vertigem midiática.

É na realidade da escola de periferia ou naquela escola de apenas uma sala de aula de uma vila afastada do meio rural que podem estar (estão) as mesmas informações que chegam por parabólica às escolas da classe rica nos bairros onde se vive em mansões enclausuradas. O global é local e vice versa (CHASSOT, 2003).

A escola deve atuar, para diminuir essas diferenças de acesso às TICs geradas entre os ricos e pobres, e amenizar essa parcela de excluídos digitais no sentido de promover uma maior comunicação entre alunos e professores e incluí-los nessas redes que estão constituídas.

Essas diferenças de acesso podem ser minimizadas, como bem aponta Chassot (2003), a partir do momento que os equipamentos disponíveis na escola são usados por



Vol.2 – Número 3- JUL.2017

professores e alunos. À medida que eles chegam ao meio escolar, são novas possibilidades locais de acesso globalizado que se faz presente, basta apenas utilizá-los.

As novas ferramentas tecnológicas podem auxiliar as práticas pedagógicas, uma vez que a partir delas torna-se mais fácil o acesso a diversos tipos de informações de graus de complexidades variadas e de lugares diversos. Mas, não basta apenas tê-las ou utilizá-las como suporte. Tem-se que saber extrair delas o melhor que elas têm a fornecer e transformar essas informações em conhecimentos e interação com os alunos nas aulas.

Ao se utilizar novas metodologias apoiadas em modernas ferramentas midiáticas como o Datashow, o DVD e a Internet, por exemplo, acredita-se que elas podem auxiliar os alunos para uma melhor aprendizagem e ajudá-los a aprenderem não só lendo ou escrevendo, mas visualizando, ouvindo, se comunicando ou tocando, pois, no mundo globalizado, não faz sentido memorizar conhecimentos que estão sendo superados rapidamente, ou que sejam de fácil acesso pela Internet. É desejável que os alunos desenvolvam habilidades para aprenderem a pesquisar, como e onde pesquisar e se comuniquem. Isso permite a eles o desenvolvimento contínuo da capacidade de aprendizagem.

Com base no que foi discutido a respeito da temática é possível concluir que educar com novas tecnologias é um desafio que toda escola deve abarcar. Contudo, a presença das tecnologias nas escolas, por si só, não garante a eficácia da qualidade de ensino. É necessário que haja a parceria entre elas e o corpo docente. Cabe, então, aos gestores e educadores a orientação do uso correto das ferramentas e do seu conteúdo para que estas possam fazer realmente a diferença. Essas novas posturas exigem que repensemos o ensino, desde a própria sala de aula, com sua estrutura de carteiras, giz e lousa, para uma nova arquitetura, onde a tecnologia deve estar atuante no processo de ensino-aprendizagem.

3 OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DAS MÍDIAS NA ESCOLA

3.1 OS DESAFIOS DA MÍDIA NA ESCOLA

Há tempos utilizam-se as TIC's sem se dar conta desse processo. Basta lembrar da substituição do cheque pelo cartão de crédito, onde se veem propagandas divulgando e alertando para as “facilidades” da utilização desse último recurso pelo consumidor, em vez do “antigo” talão de cheques.

Pode-se pensar a utilização das mídias como moda, num contexto geral, já que se repete em todos os setores, sendo comum a utilização, por exemplo, de um mp3 para atividades físicas como numa simples caminhada ou mesmo para o lazer ao escutar músicas ou gravar áudio em diversos ambientes.

Um dos acessórios mais utilizados do momento, que as pessoas trocam várias vezes ao ano, para terem o aparelho mais recente, é o celular. Evoluído do antigo aparelho de telefonia o aparelho celular tem-se aperfeiçoado e encontrado uma infinidade de outros caminhos dependendo do interesse de seu usuário. Atualmente, servem desde uma simples calculadora a serviços de navegação na Internet, passando por agendas eletrônicas, televisões portáteis, entre outros.

A esse respeito, Pretto (2001, p. 169) argumenta que: “A sociedade, ainda perplexa com os avanços do mundo tecnológico e da comunicação, começa apresentar sinais de incorporação, aceitação e até de intimidade com os novos procedimentos desta nova era”.

No âmbito educacional, as TIC's atuam em grande escala, principalmente pela sua grande aceitação entre os alunos, e daí surge a grande preocupação: “Teremos pessoal capacitado para se apropriar dos benefícios da informática no cotidiano escolar?” Sem dúvida, quando bem usadas, tais mudanças só tendem a beneficiar a rotina escolar tanto para o aluno quanto para seu mestre, como já tem ocorrido, por



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 3- JUL.2017

exemplo, na utilização dos computadores para elaboração de matérias e de provas, ou será que algum professor ainda prefere montar suas provas no mimeógrafo?

Observa-se que as ‘fronteiras’ da sala de aula estão em processo de mutação, facilitando cada vez mais o processo de consulta, ensino, aprendizado e colaboração entre estudantes, professores e profissionais de várias especialidades.

São consideradas Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs), entre outras: os computadores pessoais (PCs, *personal computers*), a impressão por impressoras domésticas, as câmeras de vídeo e foto para computador ou webcams, a gravação doméstica de CDs e DVDs, os diversos suportes para guardar e portar dados como os disquetes (com os tamanhos mais variados), discos rígidos ou HD’s, cartões de memória, *pen drives*, *zip drives* e assemelhados, a telefonia móvel (telemóveis ou telefones celulares), a TV por assinatura, a TV a cabo, a TV por antena parabólica, correio eletrônico (e-mail), as listas de discussão (*mailing lists*), a Internet, a *world wide web* (principal interface gráfica da Internet), os websites e *home pages*, os quadros de discussão (*message boards*), o streaming (fluxo contínuo de áudio e vídeo via Internet), o *podcasting* (transmissão sob demanda de áudio e vídeo via Internet), a Wikipédia, possível graças à Internet, à *www* e à invenção do *wiki*, as tecnologias digitais de captação e tratamento de imagens e sons, a captura eletrônica ou digitalização de imagens (scanners), a fotografia digital, o vídeo digital, o cinema digital (da captação à exibição), o som digital, a TV digital e o rádio digital, as tecnologias de acesso remoto (sem fio ou wireless), *Wi-Fi* e o *Bluetooth*.

De modo geral, as novas tecnologias estão associadas à interatividade e à quebra do modelo comunicacional de um para todos, em que a informação é transmitida de modo unidirecional, ou seja, do professor para o (s) aluno (s) adotando o modelo todos-todos, em que aqueles que integram redes de conexão operacionalizadas por meio das TIC fazem parte do envio e do recebimento das informações. Nesse sentido, muitas tecnologias são questionadas quanto à sua inclusão no conceito de novas tecnologias da informação e comunicação, ou meramente novos modelos de antigas tecnologias.



Programar o trabalho com TIC's no trabalho educativo nas escolas é um grande desafio, que envolve uma complexidade de concepções e de interesses e requer investimentos públicos em equipamentos e na formação de professores.

Num contexto geral e de acordo com o governo, usando um ambiente virtual interativo de pesquisa, os professores poderão diminuir a “distância de gerações” existente entre eles e os alunos, que se sentem à vontade num ambiente digital e que, em grande parte, utilizam essas ferramentas melhor do que os próprios professores. As escolas recebem laboratórios de informática e banda larga (acesso rápido à Internet) e o MEC, em conjunto com as universidades e com os sistemas de ensino estaduais e municipais, qualifica os professores no uso dessas ferramentas. A política desenvolvida pelo Ministério da Educação é realizada em parceria com diversas áreas do Governo Federal, entre elas, os ministérios da Ciência e Tecnologia, das Comunicações e da Cultura.

3.2 A MÍDIA NA EDUCAÇÃO E O PAPEL DO PROFESSOR

Souza Junior e Silva (2007), ao desenvolverem um trabalho coletivo sobre a utilização de um determinado software para o processo de ensinar e aprender “funções”, em uma escola pública, discutem a questão de olhar o trabalho educativo desenvolvido no laboratório de informática como um espaço de produção de saberes docentes que podem propiciar um espaço de formação e desenvolvimento profissional.

A escola tem um papel fundamental na formação de cidadãos; porém, enquanto instituição social que é a escola atual também possui vários problemas que dificultam ou inviabilizam a concretização deste papel.

Atualmente, se observa que esta dificuldade se torna mais complexa devido ao fato de que diferentes estratégias pedagógicas provenientes da utilização das tecnologias da informação e da comunicação estão “batendo na porta da sala de aula”. Compreende-se que ao se alterar a cultura escolar a atividade profissional do professor também se torna mais complexa (SOUZA JUNIOR e SILVA, 2007, p.89).



Sendo assim, as escolas públicas brasileiras começam a mudar o paradigma de não aceitação das novas tecnologias, vislumbrando um novo contexto em que essa utilização será tão natural quanto o uso do quadro negro e giz; entretanto, não se deve esquecer de que só a implementação de novas tecnologias não será suficiente, mas, sim, a criação de uma política permanente de capacitação dos professores.

Valente (1993, p. 2) enfoca que o ensino, através do uso de computadores, pode se realizar sob diferentes abordagens que se situam e "oscilam entre dois grandes polos", cuja direção de uso dos seus elementos (computador, programa educacional e aluno) caracteriza a abordagem adotada.

Num dos polos, tem-se o controle do ensino pelo computador, o qual é previamente programado através de um software (programa educacional) denominado instrução, o qual transmite informações ao aluno ou verifica o volume de conhecimentos vistos sobre determinado assunto. A abordagem adotada, neste caso, baseia-se em teorias educacionais comportamentalistas, nas quais o computador funciona como uma máquina de ensinar otimizada, e o software pode ser dos tipos tutorial, exercício-e-prática, jogos educacionais ou mesmo simulação. É estabelecido, a priori, as diferentes possibilidades, passos ou alternativas a serem adotadas pelo aluno. O professor torna-se um mero espectador do processo da exploração do software pelo aluno.

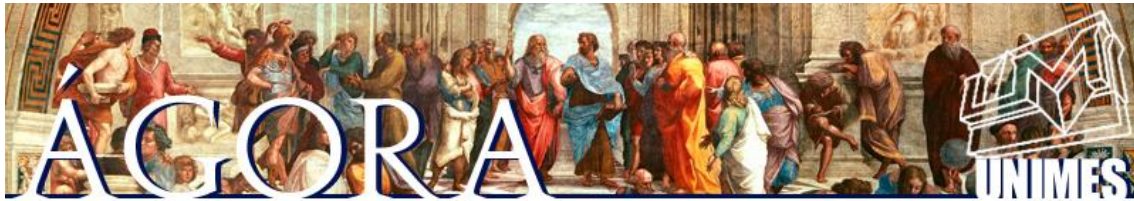
No outro polo, o controle do processo é do aluno, que utiliza determinado software para ensinar o computador a resolver um problema ou executar uma sequência de ações (programa escrito em uma linguagem computacional) para produzir certos resultados ou efeitos. O aluno "ensina" o computador, representando a forma como pensa ser a resolução do problema, ou o caminho para produzir os resultados desejados. Aqui, a abordagem é a resolução de problemas e a construção de conhecimentos, sendo o computador uma ferramenta tutorada pelo aluno que o ensina a "fazer", cabendo ao discente a função de "saber fazer". O professor tem um importante papel como agente promotor do processo de aprendizagem do aluno, que constrói o conhecimento num



ambiente onde ele é desafiado e motivado para a exploração, a reflexão, a depuração de ideias e a descoberta de novos conceitos. O computador como ferramenta educacional constitui “uma das maiores fontes de mudança do ensino e do processo de manipular informação”, enquanto que as abordagens de instrução auxiliada por computador “podem ser caracterizadas como uma tentativa de computadorizar o ensino tradicional” (VALENTE, 1992, p. 11).

Os sistemas aplicativos também podem ser usados como ferramenta educacional, através da exploração de processadores de textos, planilhas eletrônicas, gerenciadores de bancos de dados, programas de editoração gráfica, etc., os quais foram desenvolvidos para outros fins, não os educacionais, mas se constituem em excelentes ferramentas quando explorados adequadamente, permitindo a construção criativa e cooperativa. A abordagem de utilização dos computadores em educação tem como questão fundamental à preparação do professor. Se os computadores forem utilizados como tutoriais, se reforçará a prática educacional vigente com os conteúdos sendo repassados ao aluno pelo computador, perpetuando a situação do discente como ser condicionado pela repetição dos conteúdos e pela instrução sequenciada.

Ocorre outra abordagem quando o aluno “ensina” o computador que é usado como ferramenta educacional do processo de aprendizagem. Aqui o papel do professor é de fundamental importância, pois deve atuar como “facilitador da aprendizagem do aluno” e não apenas como repassador de conteúdo. Porém, a preparação do professor para atuar segundo esta abordagem, deve considerar que “o uso da informática em educação não significa a soma de informática e educação, mas a integração destas duas áreas. Para haver integração é necessário que haja domínio dos assuntos que estão sendo integrados, [...]”. Como parte do processo de preparação, deve-se promover ao profissional, participante do curso, vivenciar situações em que a informática é usada como recurso educacional, a fim de poder entender o que significa o aprendizado através dela, qual o seu papel como educador nessa situação, e que metodologia é mais adequada ao seu estilo de trabalho (VALENTE, 1990, p. 116).



Este processo propicia ao educador assumir uma postura crítica frente ao uso do computador, pois esta preparação permite a aquisição de “uma dose de conhecimento, não apenas da realidade educacional do seu país, região ou da sua área, como também do potencial dos instrumentos computacionais.” (ALMEIDA,1988, p. 55).

A reflexão sobre a realidade, na qual o educador se insere, implica num compromisso com as transformações que esta realidade vem exigindo. Assim, na preparação dos professores, deve-se criar espaços para a realização de estudos filosófico-antropológicos concomitantemente com estudos e apropriação de recursos da ferramenta computacional, pois, como afirma Paulo Freire “não é possível fazer reflexão sobre o que é a educação, sem refletir sobre o próprio homem”. E ainda,

Se o meu compromisso é com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa (FREIRE, 1996, p. 22).

Cabe ao professor optar pelo seu papel como agente de transformação, através da escolha de uma linha filosófica - educacional, e da definição de seus métodos, técnicas e instrumentos de trabalho. Porém, sendo o professor um elemento engajado no contexto e um agente de mudança social, ele deve oportunizar aos educandos o desenvolvimento da sua autonomia como sujeitos da sua ação e do processo educacional. Assim, compreende-se ação educativa como sendo uma ação interdisciplinar (ALMEIDA, 1998).

A proposta de uso dos computadores em educação dentro desta abordagem, parte das ideias de Seymour Papert, que:

Baseado na teoria de Jean Piaget sobre cognitivismo e epistemologia genética, propõe uma transformação na concepção do processo ensino-aprendizagem através do uso do computador como uma ferramenta que propicia ao aluno condições de explorar o seu potencial intelectual, desenvolvendo ideias nas mais diferentes áreas do conhecimento e realizando sucessivas ações, reflexões e abstrações, criando assim seus próprios modelos intelectuais (*apud* ALMEIDA, 1998, p. 25).



O professor que atua, segundo essa abordagem, é aquele que:

Intervém para promover o pensamento do sujeito e engaja-se com ele na implementação de seus projetos, compartilhando problemas, sem apontar soluções; respeitando os estilos de pensamento e interesses individuais; estimulando a formalização do processo empregado; ajudando assim o sujeito a entender, analisar, testar e corrigir os erros. Esse professor é um facilitador no sentido definido por Fagundes, que lhe atribui a função de propor desafios para desequilibrar as certezas inadequadas, indagar sobre algumas informações pertinentes, mas quando suas sugestões não surtirem efeito, ele deve interpretar isso como uma impossibilidade momentânea de assimilar a informação sugerida, isto é, à impossibilidade de atribuir à informação uma significação que a torne pertinente (ALMEIDA, 1998, p. 25).

O papel ativo do aluno como construtor da sua aprendizagem, exige do professor que as crianças se desenvolvam espontaneamente, na medida em que interagem com um meio físico e social, mas acentua a responsabilidade do educador em propiciar-lhes um meio que propicie tal interação, e desafios suficientes para que possa realizá-la ativamente. Portanto, o desenvolvimento da inteligência não é apenas decorrente de um processo individual mas, sobretudo das relações que se estabelecem entre o indivíduo e o meio, através da apropriação da herança cultural e da sua ação sobre o meio social (MERCADO, 2002).

As ideias de Vygotsky sobre o estudo do desenvolvimento da cognição em seu contexto histórico-social trazem grande contribuição à atuação do professor como promotor do processo de aprendizagem em ambientes informatizados, pois, enquanto na perspectiva piagetiana, o computador pode funcionar como uma tela projetiva do pensamento, para Vygotsky essa tela passa a ser também uma representação do significado do mundo pelo aluno, um lugar onde ele poderá representar seus dados culturais. Porém, o professor que procura atuar de forma coerente com essa abordagem não interfere aleatoriamente no processo de construção do aluno, mas respeitando-lhe o interesse, o nível de conhecimento e o estilo cognitivo, buscando promover o aprendizado, utilizando o conceito de "zona proximal de desenvolvimento --- zpd", a qual é definida por Vygotsky como:

A distância entre o nível de desenvolvimento real que se costuma determinar



através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. [...] Assim, os software educativos devem ser ajustados à linguagem dos alunos, determinando a necessidade de serem avaliados segundo padrões vistos, não somente sob o ponto de vista do nível de cognição e do valor do feedback, mas segundo padrões culturais dos sujeitos (VYGOTSKY, 1998, p. 32).

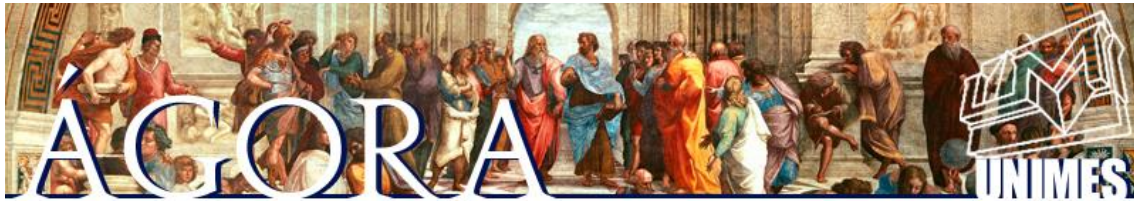
Evidencia-se que professores e alunos têm papel fundamental nesta abordagem, cabendo ao computador, como instrumento de cultura, o papel de mediador do processo que propicia o "pensar-com" e o "pensar-sobre-o-pensar".

Segundo Barros (2003), embora os cursos de formação de professores para uso do computador no processo de aprendizagem enfatizem as teorias psico-sócio-pedagógicas embasadoras da abordagem construcionista, não se pode afirmar que a partir daí a atuação dos professores será coerente com os pressupostos teóricos. Na tentativa de mudar a sua prática instrucionista, o professor corre o risco de substituí-la por uma prática do tipo "laissez-faire", livre de regras e espontaneísta. Nesta transição, há uma situação de conflito quando o professor tende a assumir a postura construtivista, mas ainda não reelaborou a sua prática, nem reconstruiu o seu papel.

Sobre o conflito entre abordagens educacionais, Prado (1993), observa que se a teoria proposta trata de concepções divergentes daquelas vivenciadas pelos professores, não será fácil pensar e agir em consonância com essa nova teoria, pois é necessário interpretá-la de acordo com o contexto educacional, ou seja, recriá-la sem destituir o sentido real de seus princípios. Tudo isso é desencadeado por um processo de reflexão, depuração e construção de um novo conhecimento que implica em mudanças de valores, concepções, ideias e, conseqüentemente de atitudes.

Segundo Piaget (*apud* PRADO, 1993, p. 99):

Para a construção de um novo conhecimento, o sujeito precisa vivenciar situações, nas quais possa relacionar, comparar, diferenciar e integrar os conhecimentos. Isso implica colocar em ação os processos funcionais de regulações, abstrações e equilibração que desenvolvem novas estruturas mentais de assimilação do conhecimento.



A reconstrução do papel do professor e de sua prática pedagógica de acordo com o enfoque construcionista proposto por Papert (1994) é um processo que integra o cognitivismo piagetiano, a socioafetividade e o domínio da tecnologia computacional, favorecendo a construção de conhecimentos segundo os interesses e estilos de representação do pensamento, tornando alunos e professores sujeitos ativos da aprendizagem. Mesmo os profissionais que dominam os recursos computacionais precisam ser preparados através de uma fundamentação em teorias de aprendizagem construcionistas, que lhes propicie a compreensão de como o aluno aprende e como intervir para promover a construção do conhecimento.

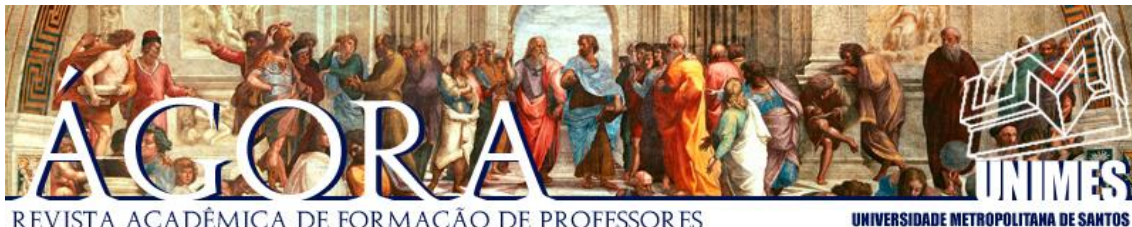
Para que o professor sinta-se capaz de empregar os recursos computacionais na educação, é necessário que ele domine o computador, o que muitas vezes não ocorre de forma imediata, mas apenas através de um processo gradativo de exploração do computador. Valente (1992-1993, p. 117) observa que:

Dependendo do conhecimento desse profissional, a capacidade de dominar o computador pode passar por um processo de formação de conceitos que se assemelha muito à formação do conceito de permanência de objeto que uma criança desenvolve durante os seus primeiros anos de vida.

Portanto, através da formação em informática na educação que enfoque todos os aspectos mencionados anteriormente, a saber: teorias de aprendizagem e do desenvolvimento, domínio do computador, ciência da computação, metodologia da pesquisa científica e tecnologia educacional, propicia-se ao profissional um embasamento teórico-prático que favorece a utilização do computador como ferramenta do processo ensino-aprendizagem, bem como, sua atuação em equipes interdisciplinares de estudos e pesquisas sobre utilização e desenvolvimento de ambientes de aprendizagem computacionais.

4 O PAPEL DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS

A escola tem papel fundamental na sociedade do conhecimento, especificamente no que tange às TIC's nas escolas, que não pode ficar alheia a esta evolução. De acordo



Vol.2 – Número 3- JUL.2017

com Barros (2002), é preciso que haja o desenvolvimento de políticas e ações que promovam uma educação digital, inserindo o uso do computador no cotidiano pedagógico da escola, investindo na preparação dos professores e na integração dos currículos escolares com as TIC's, que devem obrigatoriamente, fazer parte da disseminação do conhecimento aos alunos.

Dessa forma, as escolas devem promover o uso de todas as mídias na educação, não só por meio de sua inserção nos conteúdos escolares, mas deve viabilizar que os professores tenham o conhecimento necessário para usá-las, que os equipamentos estejam disponíveis e em bom estado de uso e, especialmente, que haja um planejamento para tal.

Segundo Ottoni e Paula (2012), o Ministério da Educação tem apresentado diversas propostas para promover a inclusão digital na rede pública de ensino, como o PROINFO – Programa Nacional de Informática na Educação, UCA – Um computador por Aluno, TV Escola – um canal de televisão do MEC que capacita, aperfeiçoa e atualiza educadores da rede pública, Mídias na Educação – programa que visa proporcionar formação continuada para uso pedagógico das diferentes TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação).

Belloni (2001, p. 10) destaca que

A escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando.

Assim, a escola deve promover a interação entre seus atores: professores, alunos, diretor, coordenador, pais, no sentido de planejar as atividades, capacitar professores, integrar as novas tecnologias no dia a dia dos alunos e buscar políticas que permitam a melhoria do ensino e a inserção da mídia nas escolas.

Fala-se muito sobre a capacitação do professor e esquece-se do papel das escolas em relação às novas tecnologias. Barbosa (2012) afirma que a inserção da informática



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 3- JUL.2017

no ambiente escolar faz-se necessária, permitindo o acesso dos indivíduos a um bem cultural que deveria ser disponível para todos. Cabe à escola pública propiciar às crianças e jovens a apropriação dessa tecnologia. É preciso haver investimento por parte das autoridades governamentais na melhoria da educação pública, que vise à formação de uma geração capaz de competir no mercado de trabalho e, sobretudo, na sociedade globalizada.

Nesse sentido, Lima (2012) ressalta que a inclusão das TIC's na educação não vem se desenvolvendo de forma adequada. De acordo com a autora, além da infraestrutura inadequada em um grande número de escolas, aponta-se para a insuficiente formação do corpo docente, relacionada, entre outros fatores, à baixa atratividade da carreira, às difíceis condições de trabalho, à estrutura e qualidade dos cursos de formação inicial e à pouca valorização de seu ofício pela sociedade brasileira. Tampouco deixa de ser relevante a defasagem de aprendizagem dos estudantes, uma consequência inevitável do perverso percurso de desigualdades de oportunidades sociais, econômicas e educacionais existentes no Brasil desde sua formação como nação.

Conforme dados da TIC Educação (BARBOSA, 2012), todas as escolas situadas na zona urbana têm, pelo menos, um computador – em média, são 23 equipamentos por unidade escolar e cerca de 35 alunos por computador. Mais de 80% delas têm acesso à Internet e destas, 87% utilizam banda larga. Apesar dos avanços, os resultados da TIC Educação 2010 traçam um cenário ainda insuficiente para assegurar ao menos o contato de seus alunos com as tecnologias de informação e comunicação: segundo os professores entrevistados, em 24% das escolas não há computadores disponíveis para os estudantes e em 32% não é possível que eles tenham acesso à Internet. Os dados do estudo ainda mostram que, enquanto 88% das escolas têm computador nos espaços da coordenação e 81% nos laboratórios de informática, apenas 38% delas disponibiliza esse acesso na biblioteca e somente 4% na sala de aula. Em 16% das escolas, os locais mais frequentemente utilizados para atividades pedagógicas com os alunos utilizando as TIC são a sala dos professores e a secretaria da escola. Número insuficiente de



computadores, falta de suporte técnico, equipamentos obsoletos e baixa velocidade na conexão à Internet são identificados como limitantes para um uso efetivo das TIC por mais de dois terços das escolas abordadas pelo estudo.

Em 2011, os dados da TIC Educação (BARBOSA, 2012) revelaram que todas as escolas declararam possuir pelo menos um computador, conforme havia sido identificado na pesquisa de 2010. Entretanto, o número de equipamentos disponíveis para uso pleno dos alunos ainda é insuficiente, constituindo-se em um importante desafio a ser superado. Isso é apontado tanto por professores quanto por coordenadores pedagógicos, que mencionaram como principal limitação o número de computadores por aluno: 75% dos docentes acreditam que esse fator prejudica o uso das TIC no processo pedagógico, perspectiva compartilhada por 69% dos coordenadores pedagógicos.

Essa análise se torna mais concreta ao se observar a relação entre o número de alunos por escola e a quantidade de computadores em funcionamento. Nas escolas públicas existem, em média, 20 equipamentos funcionando. Ao estimar o tamanho das escolas por meio do número de alunos, constata-se que as instituições situadas em áreas urbanas, estaduais e municipais do Brasil possuem 500 alunos em média, segundo o Censo Escolar 2011 (BARBOSA, 2012).

Para ilustrar melhor esse aspecto, cabe atentar para o número de alunos por turma. De acordo com a pesquisa, no Ensino Fundamental I há, em média, 28 alunos, número que cresce a medida que aumenta a série de ensino. No Ensino Fundamental II, a média é de 32 alunos/turma e, no Ensino Médio, 36 alunos/turma. Sendo assim, o número médio de computadores disponíveis é insuficiente até mesmo para atender todos os alunos de uma mesma turma (BARBOSA, 2012).

Esse comportamento também se reflete em relação a outros equipamentos tecnológicos, como datashow, retroprojeto, câmera digital e filmadora, entre outras tecnologias. Tais equipamentos estão presentes, porém em baixa quantidade – 80% das



Vol.2 – Número 3- JUL.2017

escolas, por exemplo, possuem retroprojetor, porém, na média, há apenas um disponível para cada escola pública (BARBOSA, 2012).

Apesar da divulgação em torno da mídia na Educação e de todos os esforços que o governo e as escolas vem realizando nesse sentido, observa-se que ainda há muito o que fazer. Os equipamentos não são suficientes para todos os alunos e seu uso em muitas escolas é bem limitado. Além disso, as dificuldades também rondam o professor, em número insuficiente para atender a todos os alunos e, também, sua capacitação deficiente.

As principais dificuldades da escola também diz respeito às diversidades regionais. Em algumas regiões do país, as disparidades permeiam a escola pública. A carência de recursos, a pobreza da população, escolas mal equipadas e professores despreparados, além da ausência de políticas públicas mais eficazes e a falta de apoio dos governos municipais e estaduais, são alguns dos impedimentos para sua realização.

De acordo com Lima (2011), para que a inclusão digital prevaleça e que seja utilizada em prol da melhoria da qualidade da educação, o apelo para a colaboração e a participação ativa não pode mais se restringir aos alunos, devendo considerar a integração curricular das tecnologias e envolver a escola como um todo, analisar as possibilidades, os limites e os entraves para a escola se tornar realmente um espaço de inclusão social e digital.

Almeida e Alonso (2007 *apud* LIMA, 2011) apresentam uma excelente contribuição organizando uma obra na qual relatam um projeto de formação e pesquisa sobre a integração das tecnologias à equipe gestora da escola. A obra trata dos seguintes aspectos: apropriação das tecnologias pelos gestores, formação de equipes de trabalho para a gestão da escola, relação supervisor-gestor para a busca de parcerias, gestão da informação, desenvolvimento de comunidades de aprendizagem e ampliação do sistema de comunicação na escola.

Uma primeira conclusão teórica da pesquisa aponta que “os gestores têm papel decisivo ao proporcionarem condições necessárias para o



desenvolvimento dos novos modos de educar [...]” e a “tecnologia é [...] um instrumento fundamental para propiciar a mudança da escola [...]” possibilitando “[...] a articulação entre o administrativo, pedagógico [...]” (ALONSO, 2007, p. 33 *apud* LIMA, 2011, p. 41).

Entre os resultados empíricos das pesquisas, destaca-se a possibilidade que a formação oferece ao gestor de incorporar a tecnologia a seu trabalho cotidiano, buscando “articulação entre a dimensão técnico-administrativa, política, social e pedagógica” (ALMEIDA, 2007, p. 51).

De acordo com Duarte (2011), em 2010, a pesquisa TIC Educação constatava que cada estabelecimento de ensino público no país contava, em média, com 23 computadores – reafirmando os dados censitários, nos estabelecimentos que oferecem Ensino Médio ocorria a presença média de 27 computadores. No entanto, situações semelhantes às informadas pelos técnicos do Tribunal de Contas da União (TCU) foram levantadas: A infraestrutura tecnológica das escolas públicas é relativamente diversificada, mas o número de equipamentos disponíveis pode restringir seu uso pela comunidade escolar, ainda mais quando se considera que há uma média de 800 alunos por escola.

Há significativa diferença entre o número de computadores que a escola possui e o número dos que estão efetivamente instalados, em uso. A média de 23 computadores por escola reduz-se a apenas 18 em funcionamento, uma perda de cerca de 22% dos equipamentos (...) uma possível explicação para essa perda tem a ver com a manutenção. (DUARTE, 2011, p. 56).

O estudo do Comitê Gestor da Internet no Brasil informa ainda que ações de formação, manutenção e desenvolvimento foram também realizadas pela União, mas em dimensões mais reduzidas.

A escola vem lidando com muitas dificuldades, em relação ao uso das mídias nas escolas; em primeiro lugar, porque os professores, em sua maioria, não estão preparados para usá-las e, nem tampouco realizarem as tarefas cotidianas em sala de aula com elas; em segundo lugar, porque nas escolas não há mídias para todos: é preciso selecionar e



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 3- JUL.2017

planejar para que todos tenham acesso; em terceiro lugar, a gestão escolar é deficiente, no que tange à articulação entre os atores, a política educacional e a necessidade dos alunos.

Caldas (2006) ressalta que as mídias precisam fazer parte do cotidiano da escola, pois são elas que alimentam culturalmente o aluno, com sua diversidade de produtos, suportes e formatos, por fazer parte da construção do imaginário de alunos, professores, pais e sociedade, por fazer parte do universo cotidiano das pessoas, numa relação crítica, em que o aprender a pensar seja parte integrante do aprender a aprender para o aprender a fazer. A apreensão da informação para sua transformação em conhecimento crítico e transformador passa, necessariamente, pela leitura do mundo, sem o que a leitura da palavra não levará a nada. “Sei tudo e não compreendo nada.” Esta frase sintetiza a sociedade moderna, em que o simples acesso à informação em seus múltiplos formatos e vozes não é suficiente para a interpretação do mundo. Utilizar a mídia na escola é o primeiro passo para a leitura do mundo.

Conforme Almeida (2009), para que os recursos tecnológicos e midiáticos possam ser integrados de maneira significativa, é importante ir além do acesso, criando condições para que alunos e demais membros da comunidade escolar possam se expressar por meio das múltiplas linguagens, dominar operações e funcionalidades das tecnologias, compreender suas propriedades específicas e potencialidades para uso na busca de solução para os problemas da vida. Frequentemente observam-se escolas em que esse tipo de atividade se encontra restrito à prática pedagógica de um grupo de professores inovadores, que inserem as tecnologias em seu trabalho pedagógico, utilizam ferramentas de pesquisa, comunicação, autoria e publicação das produções dos alunos. Para ir além desse trabalho de pioneiros, extrapolar o âmbito da sala de aula, adentrar outros espaços e atividades da escola e ultrapassar os seus muros, é essencial promover a articulação da escola com outros espaços de produção do conhecimento, tornando a integração entre mídias e tecnologias uma opção do trabalho educativo assumido pela comunidade escolar e contemplado no projeto político-pedagógico da escola, para o qual os educadores precisam ser devidamente preparados.



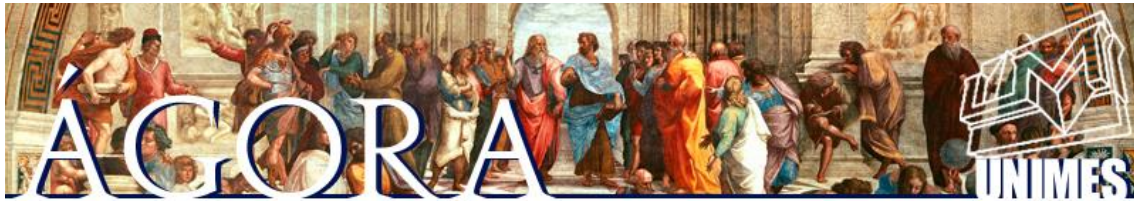
Conforme Ottoni (2011), essa proposta tem como princípio a autoria dos sujeitos educativos – professor, aluno, gestor, comunidade – com a integração de mídias e tecnologias, na construção de conhecimentos, na proposição e no uso de novas estratégias antes não pensadas, até porque se tornaram viáveis pelo acesso aos novos artefatos ou pelas possibilidades de convergência evidenciadas, que proporcionam novos modos de criar, aprender e ensinar, viabilizando o exercício do diálogo, a autoria, a polifonia em relação à forma e ao conteúdo e à reconstrução de significados.

Observa-se, portanto, que a inserção e a utilização das mídias no processo de aprendizagem é uma responsabilidade de todos, não só da gestão escolar. É função de todos os seus atores, com compromisso para o desenvolvimento do ensino, da propagação do conhecimento, da construção de um aluno mais interativo, dinâmico, crítico, que se tornará o homem do futuro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os educadores devem acompanhar a evolução tecnológica, aprendendo a lidar com máquina, para que o processo ensino-aprendizagem ocorra de modo eficiente, utilizando o computador com propósitos educacionais, desenvolvendo a formação da criança, pois no computador há maior facilidade de aprendizagem.

Ressalta-se aqui as considerações de Almeida (2009), que destaca a necessidade de a escola ter os recursos necessários a propiciar conhecimento aos alunos e professores para lidar com a mídia e, o mais importante, que esses atores saibam usar efetivamente esses recursos de forma a aproveitar tudo o que a mídia oferece. É preciso estimular todos os professores ao uso das tecnologias, inserindo-as no dia a dia escolar, nas tarefas diárias, na pesquisa, nas aulas com conteúdos, na comunicação com os alunos, incentivar os alunos a produzirem textos e divulgar esse material como estímulo ao uso da mídia. É preciso que a mídia esteja inserida no projeto político-pedagógico da escola e alertar os educadores a usá-la.



Caldas (2006) também alerta a urgência do uso das mídias como parte do cotidiano escolar, como meio dinâmico de disseminação do conhecimento, com uma gama imensa de recursos, com os quais os alunos podem usar a imaginação, pois a mesma já faz parte da vida fora da escola. A apreensão da informação para sua transformação em conhecimento crítico e transformador passa, necessariamente, pela leitura do mundo, sem o que a leitura da palavra não levará a nada.

Lima (2011) ensina que, o uso das tecnologias em prol da melhoria da qualidade da educação, deve abranger toda a escola e a comunidade escolar. Seus atores devem estar em harmonia quanto às possibilidades de seu uso, quanto aos recursos disponíveis, verificando possibilidades, limites e as dificuldades para a escola se tornar realmente um espaço de inclusão social e digital.

Para auxiliar nessa incorporação e uso das mídias na escola, tem-se a obra de Almeida e Alonso (2007 *apud* LIMA, 2011), na qual os autores apresentam os seguintes aspectos: apropriação das tecnologias pelos gestores, formação de equipes de trabalho para a gestão da escola, relação supervisor-gestor para a busca de parcerias, gestão da informação, desenvolvimento de comunidades de aprendizagem e ampliação do sistema de comunicação na escola.

Barbosa (2012) considera que para o uso cotidiano das mídias na escola, é preciso maior investimento, materiais de qualidade, que alcancem a maioria dos alunos e professores. Nesse sentido, destaca-se as palavras de Lima (2011), para quem há falhas na infraestrutura, insuficiente formação do corpo docente, defasagem de aprendizagem dos estudantes, entre outros aspectos.

De modo geral, a introdução da informática na educação faz a diferença no processo de aprendizagem. A importância da informática na educação abre novas possibilidades de conhecimento e motivação. A utilização do computador na educação estimula a capacidade de desenvolver estratégias de buscar soluções, está estimulando a comunicação e a criatividade.



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 3- JUL.2017

Todos esses são pontos positivos, confirmando que a introdução da informática na educação é um elemento a mais na construção da superação de dificuldades dos alunos no processo de aprendizagem, de modo a interferir positivamente no desenvolvimento cognitivo e intelectual do educando.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando José de. **Educação e informática: os computadores na Escola.** São Paulo: Cortez: Autores associados, 1998.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Gestão de tecnologias, mídias e recursos na escola: o compartilhar de significados. **Em Aberto, Brasília**, v. 22, n. 79, p. 75-89, jan. 2009.

BARBOSA, Alexandre (Coord.). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Educação 2011.** São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012.

BARROS, Fernando França Monteiro de. **Capacitação de professores para utilização de novas tecnologias.** 2002. 130f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos.** Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.

CALDAS, Graça. Mídia, escola e leitura crítica do mundo. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 117-130, jan./abr. 2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 02/07/2013.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização Científica: questões e desafios para a educação.** Coleção educação em Química. 3a ed. Ijuí: Ed. Unijui, 2003.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação - a linguagem em movimento.** São Paulo: SENAC, 1999.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir.** 7. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC-UNESCO, 2002.



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 3- JUL.2017

DUARTE, M. A inclusão das TIC nas escolas públicas e as relações intergovernamentais no Brasil. In: BARBOSA, Alexandre (Coord.). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Educação 2011**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012.

EVANS, P. B. Recursos Humanos na Indústria Brasileira de Processamento de Dados. In: GITAHY, Leda. (coord.). **Educação Desenvolvimento Tecnológico: o caso da informatização da indústria no Brasil**. Campinas: UNICAMP/NPCT/IG, 1989.

_____. Informática: Metamorfose da Dependência. **Novos Estudos**. São Paulo: CEBRAP, n° 15, julho de 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONTIJO, Cynthia Rúbia Braga. Tecnologias de Informação e de Comunicação na educação de Jovens e Adultos: práticas e sentidos em escolas públicas de BH/MG. In: GRACINDO, Regina Vinhaes(org.). **Educação como exercício de diversidade: estudos em campos de desigualdades sócio-educacionais**. Brasília: Líber Livro Ed., vol. 1, pp.41-66, 2007.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Transgressão e mudança na Educação**. Os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LEITE, Lígia Silva. (Coord.). **Tecnologia educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula**. Colaboração de Cláudia Lopes Pocho, Márcia de Medeiros Aguiar, Marisa Narcizo Sampaio. 2. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 14ª ed., 2006.

LIMA, Ana Lúcia D' Império. TIC na educação no Brasil: o acesso vem avançando. E a aprendizagem? In: BARBOSA, Alexandre (Coord.). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Educação 2011**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012.

LOPES, Maria C. L. P. Formação tecnológica: um fenômeno em foco. **Série Estudos: Periódico do Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco**, n° 19, junho, 2005. Campo Grande – MS: UCDB, 2005, p. 127-136.

MEC/FUNTEVE. **Um Relato do Estado Atual da Informática no Ensino no Brasil**. Brasília. DF, 1985.



MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Novas Tecnologias na Educação:** Reflexões sobre a prática. Maceió: Educal, 2002.

OTTONI, Maria Aparecida Resende; PAULA, Flávia Motta de. A inserção das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) na educação e a formação docente: uma análise discursiva crítica. I Fórum Internacional sobre Prática Docente Universitária. 2011. **Anais.** Disponível em <http://www.forumdocente.prograd.ufu.br/anais/anais2011/pdf/2c/maria%20e%20flavia.PDF>. Acesso julho/2013.

PAIS, Luiz Carlos. **Educação Escolar e as Tecnologias da Informática.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PAPERT, S. **A Máquina das Crianças:** repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PORTO, Tânia Maria Esperon. Adolescentes e meios de comunicação: espaços de afetividade e aprendizagem. **Série-Estudos.** Periódico do mestrado em Educação da UCDB, n. 19 (junho de 2005). Campo Grande: UCDB, p. 43-58, 2005.

PRADO, M. E. B. B. **Logo no Curso de Magistério:** O Conflito entre Abordagens Educacionais. In: Valente, J. A.(org.). Computadores e Conhecimento: repensando a educação. Campinas/SP: Gráfica Central da UNICAMP, 1993.

PRETTO, Nelson de Luca. Linguagens e tecnologias na Educação. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001, 2a edição, p.161-182.

_____. Mídia, currículo e o negócio da educação. In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; ALVES, Maria Palmira Carlos; GARCIA, Regina Leite (Orgs.). **Currículo, cotidiano e tecnologias.** Araraquara, SP: Junqueira &Marin, p.111-147, 2006.

PROENÇA JÚNIOR, D. **Os militares e o desenvolvimento da informática microeletrônica no Brasil: 1937 a 1987.** RJ, texto de discussão interna, RJ. COPPE, 1990.

ROMERO, S. Nueva tecnología en la escuela: ¿Para qué? **Série Estudos:** Periódico do Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco, nº 19, junho, 2005. Campo Grande – MS: UCDB, 2005, p. 137-148.

SANTOS, Maria Eduarda V. M. dos. **Desafios pedagógicos para o século XXI.** Lisboa: Livros Horizontes, 1999.

SOUZA JR., A. J.; SILVA, J. C. Informática e Cultura Profissional: o laboratório de informática da escola como espaço de formação. In: FONSECA, S. G. **Currículos, Saberes e Culturas Escolar**. Campinas, Editora Alínea, 2007.

SOUZA, Solange Jobim; JR., Nilton Gambá. Novos suportes, antigos temores: tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n.21, set./out./nov./dez., p.104-114, 2002.

TAPIA, Jorge. R. **A Trajetória da Política de Informática Brasileira: 1977-1991**. Campinas, Ed. Papyrus, 1995.

TARJA, Sanmya Feitosa. **Informática na Educação**. Novas Ferramentas Pedagógicas para o professor na Atualidade. São Paulo: Érica, 2001

TIGRE, P. B. **Recursos Humanos na Indústria Brasileira de Processamento de Dados**. São Paulo: UNICAMP, 1989.

VALENTE, José A. Os diferentes usos do computador na educação. In: _____. (Ed.). **Computadores e conhecimento: repensando a Educação**. Campinas: UNICAMP, 1992-1993.

_____. Porque o computador na Educação. In: _____. (Ed.). **Computadores e conhecimento: repensando a Educação**. Campinas: UNICAMP, 1990. 127

VYGOTSKY, Levv S. **A formação social da mente**. Livraria Martins Fontes Editora Ltda.1998



Eliney Sabino

Mestre em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento pela Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC). Professor e Coordenador do Curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas na FVR- Faculdades Integradas do Vale do Ribeira.

Artigo recebido em 07/12/2016

Aceito para publicação 07/07/2017

SABINO, Eliney. **GESTÃO ESCOLAR E MÍDIAS NA ESCOLA: TRANSFORMAR PARA ENSINAR.** Revista *Ágora. Unimes Virtual*. Vol.2 – Número 3 – JULHO 2017 – Disponível em:

<http://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=formacao&page=index>